



Pandaemonium Germanicum. Revista de
Estudos Germanísticos

E-ISSN: 1982-8837

pandaemonium@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

de Almeida Marques, José Oscar
Ecos de Rousseau em "Das fremde Kind" de E. T. A. Hoffmann
Pandaemonium Germanicum. Revista de Estudos Germanísticos, núm. 11, 2007, pp. 99-
110
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386641445008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ecos de Rousseau em “Das fremde Kind” de E. T. A. Hoffmann

José Oscar de Almeida Marques*

Abstract: Besides Rousseau’s general influence in the aesthetic ideals of Romanticism, the more direct links between him and the great German romantic E. T. A. Hoffmann are worthy of a detailed study. Such a study should compare not only works, but also lives, since there are remarkable biographical parallels between the two authors. In this paper I limit myself to examine one text of Hoffmann’s, the fairy tale “Das fremde Kind”, trying to show that Rousseau’s echoes in that work go much deeper than the superficial and worn out “good savage’s” cliché.

Keywords: Romanticism; Nature; autobiography; education.

Resumo: Para além da influência geral de Rousseau na constituição do ideário estético do Romantismo, as relações mais diretas que o ligam ao grande romântico alemão E. T. A. Hoffmann são merecedoras de um estudo detalhado. Um tal estudo deveria confrontar não só as obras, mas as próprias vidas, já que são notáveis os paralelos biográficos entre os dois autores. Neste trabalho limito-me a examinar um único texto de Hoffmann, o conto de fadas “Das fremde Kind”, buscando mostrar que os ecos rousseauianos nessa obra são bem mais profundos do que uma mera re-elaboração do desgastado e superficial clichê do “bom selvagem”.

99

Palavras-Chave: Romantismo; Natureza; autobiografia; educação.

Zusammenfassung: Außer Rousseaus allgemeinem Einfluss auf die ästhetischen Ideale der Romantik, wären die direkteren Verbindungen zwischen ihm und dem großen deutschen Romantiker E. T. A. Hoffmann einer ausführlichen Auseinandersetzung würdig. Diese sollte nicht nur die Werke vergleichen, sondern auch die Lebenswege, da beide Autoren außerordentlich viel gemeinsam haben, was ihre Biographie betrifft. In dieser Arbeit beschränke ich mich aber darauf, nur ein einziges Werk, nämlich Hoffmanns Märchen „Das fremde Kind“, zu untersuchen. Mein Ziel ist es zu zeigen, dass der Widerhall von Rousseaus Ideen in diesem Märchen stärker ist als lediglich eine Wiederholung der abgenutzten und oberflächlichen Klischees des *bon sauvage*.

Stichwörter: Romantik; Natur; Autobiographie; Ausbildung.

* Professor Doutor do Departamento de Filosofia, IFCH-UNICAMP. jmarques@unicamp.br

Mais do que por suas idéias filosóficas, políticas ou pedagógicas, a influência de Jean-Jacques Rousseau no surgimento do romantismo se deu, antes, pela descoberta ou invenção de um novo tipo de **sensibilidade**, fundadora do ideário estético e emocional que seria abraçado pelos românticos: o culto de uma Natureza pura e originária, a rejeição do artificialismo e das convenções, a primazia da experiência subjetiva, o valor da expressão autêntica e espontânea, a busca das raízes da vida pessoal e social, e o desconforto diante do progresso técnico alienante e desumanizador.

Como muitos de seus contemporâneos, o grande escritor romântico alemão E. T. A. Hoffmann compartilha, naturalmente, desse ideário. Em seu caso, contudo, além dessa influência geral de Rousseau, manifesta-se uma relação mais profunda, derivada das notáveis coincidências de ordem biográfica e de interesses artísticos entre os dois autores.¹ Tais coincidências foram desde cedo percebidas por Hoffmann, e foram elas certamente que o motivaram, quando jovem, a ler apaixonadamente as *Confissões* de Rousseau: “Ich lese Rousseaus ‘Bekenntnisse’ vielleicht zum dreißigsten Mal – ich finde mich ihm in manchem ähnlich – Auch mir verwirren sich die Gedanken wenn es darauf ankommt, Gefühle in Worte zu fassen!”²

100

Indicações dessa influência mais direta de Rousseau sobre Hoffmann podem ser encontradas principalmente em duas obras: o conto de fadas “Das fremde Kind” (“A criança estrangeira”), que discute a questão da educação infantil em termos próximos aos do *Emílio*, e o romance inacabado *Lebensansichten des Katers Murr* (*Vida e opiniões do gato Murr*), fantástica paródia do gênero autobiográfico, no qual, ao lado dos modelos já bem reconhecidos na literatura (Sterne, Goethe), o papel das próprias *Confissões* de Rousseau ainda carece de maior exame. De fato, se as *Confissões* de Rousseau inauguram a forma moderna do gênero autobiográfico, é plausível dizer que, no *Kater Murr*, esse gênero alcança sua maturidade literária, pela vasta assimilação de elementos das produções intermediárias, pela mescla sutil e paradoxal de paródia e autenticidade, e pela original forma artística pela qual **duas** autobiografias são justapostas pelo recurso poético de supor que Murr, o gato

¹ O mais importante estudo biográfico de Rousseau está em CRANSTON 1983, 1991, 1997. Para a biografia de Hoffmann, veja-se SAFRANSKI 1987 e KLEBMANN 1995.

² Diário, 13 de fevereiro de 1804, citado por WITTKOP-MÉNARDEAU 1966: 41. As referências bibliográficas completas das obras citadas nas notas de rodapé estão dadas ao final do trabalho. “Estou lendo as *Confissões* de Rousseau talvez pela trigésima vez – acho que me pareço com ele em muitas coisas – Também fico com os pensamentos confusos quando tenho de pôr sentimentos em palavras”. Todas as citações foram traduzidas por mim

letrado, escreveu seu relato em folhas arrancadas de uma suposta biografia do Kapellmeister Johannes Kreisler, ele próprio um *alter ego* de Hoffmann. A perspectiva comparativa torna-se ainda mais atraente pelo fato de os dois biografados, Murr e Kreisler, se referirem explicitamente a passagens das *Confissões* de Rousseau; e são inúmeros os elementos que se poderia pôr em evidência na exploração dessas relações. Neste trabalho, entretanto, vou dedicar-me apenas a uma análise da primeira obra mencionada – o conto de fadas “Das fremde Kind” –, ressaltando a presença e o tratamento de temas nitidamente rousseauianos nessa obra.

“Das Fremde Kind”

Hoffmann escreveu dois contos de fadas para crianças, ambos dedicados aos filhos de seu amigo Julius Hitzig. O primeiro, “Nußknacker und Mausekönig” (“O Quebra-Nozes e o Rei dos Ratos”), que se tornou muito popular na adaptação para o balé de Tchaikovsky de 1892, foi publicado em 1816, na coletânea de contos *Kinder-Märchen*, que também reunia contribuições de Fouqué e Contessa. Para um segundo volume das *Kinder-Märchen*, Hoffmann preparou, no ano seguinte, “Das fremde Kind” (“A criança estrangeira”), em parte para responder à crítica de que seu primeiro conto destinava-se mais a adultos que a crianças.

101

Essa crítica foi, de fato, admitida pelo próprio Hoffmann. Republicados em 1819 na coleção *Die Serapions Brüder*³, os dois contos são ambos narrados pelo personagem Lothar, que, ao final de cada um, recebe dos demais contadores de histórias a admoestação de que crianças não poderiam entendê-los, embora reconheçam que o segundo conto é um pouco mais bem sucedido sob esse aspecto⁴.

De fato, comparada à luxuriante e fantástica atmosfera do *Quebra-nozes*, a narrativa da criança estrangeira é bem mais simples e contida, e pretende transmitir um genuíno ensinamento moral. Esse é, também, o conto de Hoffmann que mais pode ser relacionado às idéias de Rousseau; uma relação que, para alguns críticos, é vista com censura e como diminuindo, em certa medida, o valor literário do texto.

³ HOFFMANN 1976. Todas as minhas citações do conto de Hoffmann serão referidas às páginas desta edição (Winkler Verlag).

⁴ HOFFMANN 1976: 252-55, 510-11.

Assim, Hans von Müller declara que as duas crianças do campo, Felix e Christlieb, principais personagens do conto, são “*entsetzlich gut, so edel wie nur ein Rousseau’scher Naturmensch*” (“terrivelmente boas, tão nobres como só um homem natural de Rousseau”)⁵. As supostas bondade e nobreza do homem natural de Rousseau são visivelmente ridicularizadas, e Hoffmann é implicitamente criticado por levar a sério tais idéias. Marianne Thalmann segue a mesma linha:

*Da ist kein Zweifel mehr, diese Märchen kommen aus den überwärmten Bürgerstuben und aus der Natur der Sonntagsspaziergängen. Und nichts liegt Hoffmann ferner als das Geheimnis des Kindseins (...) Die Landkinder bleiben eine dick aufgetragene Unschuld und die Stadtkinder eine bissige Karrikatur. Das eine wie das andere ist ein Rousseau-Klischee, das nicht von Kindsein überzeugt.*⁶

Numa análise mais perspicaz e informada, que traz à luz os grandes méritos do conto, Brigitte Feldges (FELDGES & STADLER 1986: 90-98) reconhece que “Das fremde Kind” está de fato impregnado das idéias que Rousseau desenvolveu no *Emílio* e que influenciaram os pedagogos que, na Alemanha, prepararam as extensas reformas pedagógicas do final do século XVIII. Mas seria, a seu ver, uma simplificação indevida considerar o conto apenas como uma encenação do conflito entre as novas concepções educacionais e a educação tradicional segundo o modelo das cortes, representadas cada uma delas, de maneira caricata, pelas crianças do campo e seus primos da cidade. Indo mais além, entretanto, penso que se pode aplicar à análise desse conto de Hoffmann importantes elementos do pensamento de Rousseau, que não se limitam à polêmica sobre a educação e, muito menos, aos clichês tão difundidos quanto falsos sobre sua concepção do homem natural.

102

⁵ “terrivelmente boas, tão nobres como só um homem natural de Rousseau” *Gesammelte Aufsätze über E.T.A. Hoffmann*, apud FELDGES & STADLER 1986: 90.

⁶ “Não resta mais nenhuma dúvida de que esses contos de fada têm sua origem em uma bem aquecida sala burguesa, e na natureza apreciada nos passeios dominicais. Nada está mais distante de Hoffmann que o mistério da vida infantil (...) As crianças do campo preservam uma grossa carapaça de inocência, e as crianças da cidade surgem como uma mordaz caricatura. Tanto umas como outras são um clichê rousseauiano, que não nos convence enquanto manifestação da existência infantil.”

THALMANN 1961: 88.

A história

Antes de desenvolver esses pontos, é preciso apresentar rapidamente o enredo de “Das fremde Kind”. O Sr. Thaddäus von Brakel vive com sua mulher e dois filhos na pequena aldeia de Brakelheim, que foi toda a herança que recebeu de seu pai. De temperamento simples e bonachão, veste-se como os camponeses de sua propriedade e mora em uma casa modesta embora confortável. Seus filhos, Felix e Christlieb, levam uma vida livre e despreocupada, e estão sempre a brincar nos campos e bosques ao redor da aldeia. Apenas aos domingos **Herr** von Brakel e a família vestem suas roupas mais vistosas e assistem a missa na cidade próxima.

Um dia o Sr. von Brakel recebe a visita de um primo, o conde Cyprianus von Brakel, acompanhado da esposa e de seus dois filhos, Hermann e Adelgunde. O conde tem uma alta posição na corte, e seus filhos vestem roupas pomposas que causam espanto em Felix e Christlieb. O primo Hermann porta até mesmo um pequeno sabre! O contato entre as crianças não flui amigavelmente, e as coisas pioram quando Hermann e Adelgunde fazem uma exibição de conhecimentos respondendo às mais variadas perguntas feitas pelos pais sobre países distantes, estranhos animais, fatos históricos e constelações no céu. Impressionada com a habilidade das crianças, a mulher do Sr. von Brakel lamenta que seus próprios filhos não tenham tão boa educação, ao que os visitantes se prontificam a enviar gratuitamente da cidade um preceptor para ensiná-los. As visitas se despedem e partem deixando uma caixa cheia de finos doces e brinquedos.

103

Felix e Christlieb divertem-se com os novos brinquedos, mas depois sentem falta das brincadeiras na floresta. Decidem então sair, mas levam consigo os brinquedos. No ambiente da floresta estes não fazem tanto efeito, e acabam por quebrar-se e ser abandonados. As crianças entristecem-se com sua inépcia, e não conseguem entreter-se com as brincadeiras de costume. Nesse instante surge a Criança Estrangeira, que as faz de novo se divertirem. O encontro se repete nos dias seguintes, e, assediada pela curiosidade de Felix e Christlieb, a Criança Estrangeira lhes revela que vive em um reino mágico, que está ameaçado por um terrível gnomo chamado Pepser

A chegada do novo preceptor, o desagradável Magister Tinte, cujas pernas finas e nariz alongado fazem-no parecer uma mosca, põe um fim aos encontros com a Criança Estrangeira e às brincadeiras ao ar livre. Felix e Christlieb devem agora permanecer dentro de casa, presos aos estudos. Um

dia, porém, Magister Tinte decide ir com as crianças ao campo e, em uma série de dramáticos acontecimentos, ficamos sabendo que o preceptor não é ninguém menos que o próprio gnomo maligno Pepser disfarçado. Na forma de uma mosca gigante, ele persegue as crianças, que fogem para casa, mas acaba dominado e expulso da aldeia pelo Sr. von Brakel.

Depois disso Felix e Christlieb não foram mais visitados pela Criança Estrangeira. O próprio bosque torna-se assombrado pelos brinquedos que lá haviam sido abandonados. O Sr. von Brakel adoece e morre, e suas grandes dívidas com o primo Cyprianus fazem a família perder a propriedade. Felix e Christlieb partem de Brakelheim em situação de penúria, com a mãe doente, para buscarem abrigo em casa de parentes. No caminho, ao atravessar a floresta, esta se enche de luz e a Criança Estrangeira aparece-lhes pela última vez, com uma promessa de conforto e esperança. Eles são bem recebidos na casa dos parentes da mãe, e têm, daí em diante, uma vida cheia de felicidade.

Os elementos

Reduzida a seu mero esqueleto, e mesmo na graciosa adaptação infantil de Anthea Bell,(BELL 1984) a história perde o que tem de mais importante, que é a inebriante prosa de Hoffmann, a riqueza de detalhes e de *insights* psicológicos, a evocação de uma atmosfera bucólica que também pode se transformar em aterradora, e a grotesca justaposição de elementos díspares, como os brinquedos quebrados que ressurgem como seres maléficos ou o monstruoso Magister Tinte espatifando-se dentro de um prato de leite. De toda essa variedade de elementos, analiso aqui apenas os que têm uma relação mais direta com alguns tópicos que Rousseau desenvolveu em suas obras.

O *Emílio* é certamente a referência fundamental, e seus dois primeiros livros enfatizam a importância de permitir à criança a liberdade de movimentos e o exercício físico constante, o que exige roupas que não tolham os movimentos, e a vida ao ar livre na maior parte do tempo. A cena em que Felix e Christlieb aguardam a chegada do tio Cyprianus é bastante reveladora. Sentadas comportadamente na sala de casa, com suas roupas domingueiras, as crianças sentem-se desconfortáveis e impacientes, e lançam compridos olhares para o campo fora de casa, onde gostariam de estar a brincar. Toda a visita constitui para eles uma verdadeira tortura, da qual emergem com alívio. E mesmo o Sr. von Brakel, assim que os visitantes partiram,

warf (...) schnell den grünen Rock und die rote Weste ab, und als er ebenso schnell die weite Tuchjacke angezogen und zwei- bis dreimal mit dem breiten Kamm die Haare durchfahren hatte, da holte er tief Atem, dehnte sich und rief: „Gott sei gedankt! (p. 480).⁷

A brilhante demonstração de conhecimentos por parte dos primos toca em outro importante aspecto das recomendações pedagógicas de Rousseau, descrita no Livro III do *Emílio*: a regra da **utilidade** deve ser inflexível – a criança não deve aprender nada a menos que saiba para que serve esse aprendizado e esteja convencida de sua utilidade. Para ensinar a Emílio a utilidade do conhecimento da posição do Sol e dos pontos cardeais, o preceptor Jean-Jacques finge perder-se com ele na floresta de Montmorency, e é a angústia da fome crescente que desperta em Emílio as reflexões que o levam a deduzir, da posição do Sol, a direção em que devem caminhar. O estudo das ciências não se faz jamais com livros, mas sempre na presença da própria Natureza, e, de fato, Emílio não saberá o que é um livro até os doze anos de idade. No conto de Hoffmann, toda a sabedoria livresca sobre os mais diversos animais não evita, afinal, que o primo Hermann entre em pânico diante do inofensivo e amigável cão Sultão⁸, fato que Felix simplesmente não consegue compreender: “er tut dir ja nichts, warum heulst und schreist du so? es ist ja nur ein Hund, und du hast ja schon die schrecklichsten Tiere gesehen? Und wenn er auch auf dich zufahren wollte, du hast ja einen Säbel?” (p. 479)⁹.

105

Entre as passagens mais bem construídas do conto estão as que descrevem os brinquedos ganhos de presente pelas crianças: seu funcionamento, o fascínio que despertam, a posterior decepção com suas limitações, sua quebra, abandono, e o arrependimento pela perda. Enquanto artefatos de sofisticada construção, eles revelam o poder do mundo da técnica e das relações sociais pressupostos em sua fabricação, e o poder do dinheiro necessário para comprá-los. Eles são como a serpente no Paraíso, e, em termos rousseauianos, a fantasia pela qual o progresso técnico se apodera da imaginação dos homens e termina por escravizá-los, ao torná-los dependentes de coisas de que de fato não precisam e que, posteriormente, lamentarão perder.¹⁰

⁷ “arrancou rapidamente a casaca verde e o colete vermelho e, após vestir com a mesma rapidez o confortável casaco de pano e passar duas ou três vezes um pente largo pelos cabelos, respirou fundo, espreguiçou-se e exclamou: ‘Graças a Deus!’ ”

⁸ Coincidentemente, Rousseau, como relata nas *Confissões*, também teve um cão chamado Sultan.

⁹ “ele não vai fazer-te mal, por que estás chorando e gritando dessa maneira? é só um cão, e já não viste os animais mais terríveis? E se quisesse atacar-te, não tens um sabre?”

¹⁰ Este tema é desenvolvido por Rousseau especialmente na segunda parte do *Discurso sobre a desigualdade*.

Os brinquedos inicialmente conquistam as crianças. Os de Felix são em maior número: um caçador que aponta a arma e dispara em um alvo a três palmos de distância ao puxar-se uma fitinha em suas costas, um homenzinho que faz cumprimentos e toca harpa ao se acionar uma manivela, e uma espingarda e um facão, ambos de madeira pintada de prateado. Christlieb ganhou uma bela boneca, com roupas e apetrechos.

No primeiro dia eles passam todo o tempo dentro de casa, entretidos com os brinquedos. No dia seguinte resolvem ir ao bosque, mas levam os brinquedos consigo. Mas, no ambiente da floresta, em meio ao canto dos pássaros e o rumor do riacho, o pequeno harpista quase não é audível, e, ao dar-lhe mais corda para fazê-lo tocar mais alto, Felix acaba por quebrá-lo. O fato de o atirador só atirar no alvo que tem à frente entedia Felix, mas a remoção do alvo faz com que o mecanismo pare de funcionar. O harpista e o caçador são atirados ao mato e os irmãos resolvem distrair-se dando uma corrida, cada qual segurando um dos braços da boneca, a qual chega ao destino rota e desmembrada, e é por sua vez atirada ao açude. Ao ver os patos a alçar vôo, Felix pensa em caçá-los, mas percebe que sua espingarda não pode atirar de verdade, nem o facão é capaz de cortar.

106

Kann ich denn auch wohl Pulver in eine hölzerne Flinte laden? – Wozu ist überhaupt das dumme hölzerne Ding? – Und der Hirschfänger? – Auch von Holz! – der schneidet und sticht nicht – des Veters Säbel war gewiß auch von Holz, deshalb mochte er ihn nicht ausziehen als er sich vor dem Sultan fürchtete. Ich merke schon, Vetter Pumphose hat mich nur zum besten gehabt mit seinen Spielsachen die was vorstellen wollen und nichtsnutziges Zeug sind. (p. 483-4)¹¹

Esta oposição entre realidade e aparência, entre o que é e o que apenas parece ser, remete a outro tópico fundamental da filosofia de Rousseau, que está na base de sua crítica geral ao simulacro e à representação. Durante sua educação, Emílio será mantido cuidadosamente à distância de tudo que meramente representa sem realmente ser, e seu contato sempre será com as próprias coisas e não com substitutos que falseiem sua apreensão da realidade. Brinquedos como estes são enganosos – o caçador mecânico atira apenas em um alvo: atividade indigna de um caçador; a boneca não consegue brincar e correr como uma verdadeira companheira de folguedos, e, no caso mais

¹¹ “Quem pode colocar pólvora em uma espingarda de madeira? – Para que serve afinal este pedaço bobo de pau? – E o facão? – Também de madeira! – não corta nem espeta – com certeza o sabre do primo também era de madeira, por isso ele não pôde sacá-lo quando ficou com medo do Sultão. Já vejo que o Primo Bombachas me fez de tolo com seus brinquedos que parecem ser alguma coisa mas são só trastes inúteis.”

exemplar das armas de madeira, toda aparência se esgota na mera superfície pintada.

O ponto mais profundamente rousseauiano de todo o conto, entretanto, está ligado à consciência de um olhar que nos mede e avalia por um padrão que não é inicialmente o nosso, mas que acabamos por introjetar e aplicar a nossa própria auto-avaliação. Rousseau descreve esse processo como a formação do *amor-próprio*, considerado como uma paixão artificial característica do homem civilizado.

*Chacun commença à regarder les autres et à vouloir être regardé soi-même, et l'estime publique eut un prix. Celui qui chantait ou dansait le mieux, le plus beau, le plus fort, le plus adroit, le plus éloquent, devint le plus considéré; et ce fut là le premier pas vers l'inégalité, et vers le vice en même temps. De ces premières préférences naquirent d'un côté la vanité et le mépris, de l'autre, la honte et l'envie; et la fermentation causée par ces nouveaux levains produisit enfin des composés funestes au bonheur et à l'innocence.*¹²

A experiência que afetou mais profundamente Felix e Christlieb foi a descoberta desse olhar julgador, e das (supostas) falhas que ele neles identificava. Se há *alguma* semelhança entre Felix, Christlieb e o homem natural de Rousseau, é apenas a abençoada ignorância em que todos eles se encontram inicialmente desse olhar perscrutador. A primeira reação das crianças é tentar revoltar-se contra um padrão que lhes parece incompreensível. Durante a sabatina de conhecimentos inúteis dos primos, Felix recorre à mãe:

*Dem Felix wurde dabei ganz angst und bange, er näherte sich der Frau von Brakel und fragte leise ins Ohr: 'Ach Mama! liebe Mama! was ist denn das alles was die dort schwatzen und plappern' 'Halts Maul dummer Junge', raunte ihm die Mutter zu, 'das sind die Wissenschaften!' Felix verstummte. (p. 478)*¹³

O recurso foi, pois, inútil. Na ocasião, os pais parecem aderir plenamente ao novo padrão de avaliação: “ ‘Das ist erstaunlich, das ist unerhört! in dem zarten Alter!’ so rief der Herr von Brakel ein Mal über das andere, die Frau von Brakel aber seufzete: ‚O mein Herr Jemine! o was sind

¹² “Cada qual começa a observar os outros e a querer ser ele próprio observado, e a estima pública teve um custo. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais ágil, o mais eloquente, torna-se o mais considerado; e esse foi o primeiro passo em direção à desigualdade e em direção ao vício ao mesmo tempo. Dessas primeiras preferências nasceram de um lado a vaidade e o desprezo, de outro, a vergonha e a inveja; e a fermentação causada por essas novas leveduras produziu por fim compostos funestos à bondade e à inocência.” ROUSSEAU 1969-1995 : III, 169-170.

¹³ “Felix, muito ansioso e assustado, aproximou-se da Sra. von Brakel e perguntou-lhe baixinho ao ouvido ‘Oh, mamãe, querida mamãe, que é que esses dois aí tanto tagarelam e papagueiam?’ ‘Cala a boca, menino bobo’ esbravejou a mãe, ‘isso aí é ciência!’ Felix emudeceu.”

das für Engel! o was soll denn aus unsern Kleinen werden, hier auf dem öden Lande? „ (p. 478-9)¹⁴

Uma nova ocasião de comparação ocorre quando Felix conta à mãe sobre a perda dos brinquedos:

Christlieb war doch betrübt über den Verlust der Puppe, und auch Felix konnte sich des Unmuts nicht erwehren. So schlichen sie nach Hause, und als die Mutter frag: „Kinder wo habt ihr eure Spielsachen“, erzählte Felix ganz treuherzig, wie schlimm er mit dem Jäger, mit dem Harfenmännlein, mit Flinte, Hirschfänger und Patrontasche, wie schlimm Christlieb mit der Puppe angeführt worden. „Ach“, rief die Frau von Brakel halb erzürnt, „ihr einfältigen Kinder, ihr wißt nur nicht mit den schönen zierlichen Sachen umzugehen. (p. 484)¹⁵

Por fim, as próprias crianças se convencem de sua inferioridade:

Da saßen die Kinder nun voller Unmut und starrten stumm in den Boden hinein. „Ach“, seufzte Christlieb endlich leise, „ach hätten wir doch noch die schönen Spielsachen!“ – „Die würden“, murrte Felix, „die würden uns gar nichts nützen, wir müßten sie doch nur wieder zerbrechen und verderben. Höre Christlieb! – die Mutter hat doch wohl recht – die Spielsachen waren gut, aber wir wußten nur nicht damit umzugehen, und das kommt daher weil uns die Wissenschaften fehlen.“ „Ach lieber Felix“, rief Christlieb, „du hast recht, könnten wir die Wissenschaften so hübsch auswendig, wie der blanke Vetter und die geputzte Muhme, ach da hättest du noch deinen Jäger, dein Harfenmännlein, da läß meine schöne Puppe nicht im Ententeich! – wir ungeschickten Dinger – ach wir haben keine Wissenschaften!“ und damit fing Christlieb an jämmerlich zu schluchzen und zu weinen und Felix stimmte mit ein und beide Kinder heulten und jammerten daß es im Walde widertönte: „Wir armen Kinder wir haben keine Wissenschaften! (p. 485)¹⁶

108

Embora, no melhor espírito de Hoffmann, uma irresistível comicidade permeie sua descrição da situação, há um clímax dramático real na insegurança e autocomiseração das crianças, e é aqui que a Criança Estrangeira aparece

¹⁴ “É uma coisa espantosa, nunca vista! e numa idade tão tenra!” exclamava sem parar o Sr. von Brakel, mas a Sra. von Brakel soluçava: ‘Oh meu Jesus! que anjos são esses? ah, que será de nossos pequenos aqui neste ermo?’”

¹⁵ “Christlieb estava abatida com a perda da boneca, e Felix também não conseguia afastar a tristeza. Chegaram assim sorrateiramente à casa, e quando a mãe perguntou: “Crianças, onde estão seus brinquedos?” Felix contou com toda a sinceridade tudo que tinha sucedido ao caçador, o tocador de harpa, a espingarda, o facão e a bolsa de munição, e também à boneca de Christlieb. “Ah”, exclamou a Sra. von Brakel, meio zangada, “crianças desleixadas, que não sabem lidar com essas coisas graciosas.”

¹⁶ “Lá ficaram sentadas as crianças, cheias de tristeza, caladas, de olhos fixos no chão. Por fim Christlieb soluçou baixinho “Ah, se ainda tivéssemos nossos belos brinquedos!” – “Eles não nos serviriam de nada”, resmungou Felix, “só iríamos quebrá-los e estragá-los de novo. Olha, Christlieb! – mamãe tinha toda razão – os brinquedos eram bons, só que não sabemos lidar com eles, porque não sabemos nada de ciência.” “Querido Felix”, exclamou Christlieb, “tens toda razão, se soubéssemos ciência de cor tão bem como nossos primos bem-arrumadinhos, então ainda terias teu caçador e teu tocador de harpa, e minha boneca não estaria lá no açude dos patos! – ah, como somos desajeitados – não sabemos nada de ciência!” e com isso Christlieb começou a chorar e a soluçar, e Felix lhe fez coro, e por todo o bosque ecoava: “oh, como somos infelizes, não sabemos nada de ciência!”

pela primeira vez aos irmãos. Ela brinca com eles, mostra-lhes como a imaginação pode suprir os brinquedos quebrados, restabelece-lhes a autoconfiança e a alegria de viver. A passagem é uma antecipação da cena final, em que o aparecimento da misteriosa criança, em uma situação mais desesperadora, restitui à família as energias espirituais necessárias para prosseguir na jornada.

Na interpretação de James McGlathery, *Das fremde Kind* pode ser entendida como uma representação da passagem da infância para uma vida de responsabilidades (MCGLATHERY 1997: 121-122). Penso que, mais que isso, esse conto nos mostra como Hoffmann concebe uma possível redenção para a vida humana. É claro que esta difere das possíveis redenções que Rousseau concebeu no *Emílio* e nas *Confissões* – o século é outro, o homem é outro. Mas os elos entre os autores existem, e espero ter brevemente mostrado que os instrumentos de análise que as idéias de Rousseau colocam a nossa disposição não se esgotam nos tolos e abusados clichês sobre o “nobre selvagem” e o “homem natural”.¹⁷

Referências bibliográficas

109

- CRANSTON, Maurice. *Jean-Jacques. The Early Life and Work of Jean-Jacques Rousseau 1712-1754*. Londres, Allen Lane, 1983.
- CRANSTON, Maurice. *The Noble Savage. Jean-Jacques Rousseau 1754-1762*. Londres, Allen Lane, 1991.
- CRANSTON, Maurice. *The Solitary Self. Jean-Jacques Rousseau in Exile and Adversity*. Chicago, The University of Chicago Press, 1997.
- FELDGES, Brigitte & STADLER, Ulrich. *E.T.A. Hoffmann. Epoche - Werke - Wirkung*. Munique, C. H. Beck Verlag, 1986.
- HOFFMANN, E. T. A. *Die Elixiere des Teufels/Lebens-Ansichten des Katers Murr*. Munique, Winkler, 1977.
- HOFFMANN, E. T. A. *The Life and Opinions of the Tomcat Murr [Lebens-Ansichten des Katers Murr]*. Tradução e notas de Anthea Bell, com uma introdução de Jeremy Adler. Penguin Books, 1999.

¹⁷ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no II Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos, realizado na Universidade do Porto, Portugal, de 30 de janeiro a 1º de fevereiro de 2003, e no Colóquio Nacional “Letras em Diálogo e em Contexto”: Rumos e Desafios, realizado no Instituto de Letras da UFRGS, em Porto Alegre, de 9 a 13 de dezembro de 2002.

- HOFFMANN, E. T. A. “Das fremde Kind”. In: *Die Serapions Brüder*. Munique, Winkler, 1976. p. 472-511.
- HOFFMANN, E. T. A. *The Strange Child*. Tradução e adaptação de Anthea Bell, ilustrações de Lisbeth Zwerger. Picture Book Studio USA, 1984.
- KLEßMANN, Eckart. *E.T.A Hoffmann oder Die Tiefe zwischen Stern und Erde. Eine Biographie*. Insel Verlag, 1995.
- MCGLATHERY, James M. *E.T.A. Hoffmann*. Nova York, Twayne Publishers, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres complètes*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 5 v., 1959-1995.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Les Confessions*. Introdução bibliografia, notas e variantes por Jacques Voisine. Classiques Garnier. Paris, Garnier Frères, 1964
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Carta a Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral* (Trad. José Oscar de A. Marques et al.) São Paulo, Estação Liberdade, 2005.
- SAFRANSKI, Rüdger *E.T.A. Hoffmann: Das Leben eines skeptischen Phantasten*. Frankfurt a. M.: Fischer Verlag, 1987.
- THALMANN, Marianne. *Das Märchen und die Moderne*. W. Kohlhammer Verlag, 1961.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas: A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo, Ed. da UNESP, 1999. (Coleção Prismas).
- VOLOBUEF, Karin. Prefácio In: HOFFMANN, E. T. A. *O Pequeno Zacarias chamado Cinábrio*. Tradução, prefácio e notas de Karin Volobuef. Edição bilíngüe alemão-português. São Paulo, Ars Poetica, 1994
- WITTKOP-MENARDEAU, Gabrielle. *E.T.A. Hoffmann*. Hamburgo, Rowohlt Verlag, 1966.